

EDUCAÇÃO FÍSICA COMO FERRAMENTA INCLUSIVA PARA AUTISTAS

João Maria Cunha de Almeida Junior¹

Francisco José Fornari Sousa²

RESUMO

Introdução: O processo de inclusão na escola passa pela formação e capacitação do docente. Ao profissional de educação física cabe conhecer suas características para poder atuar de forma consciente e responsável. **Objetivo:** Pesquisar a metodologia utilizada pelo professor de educação física para autistas, no ensino fundamental I. **Metodologia:** Para se obter os resultados foi desenvolvida uma pesquisa a campo descritiva e diagnóstica, onde foram entrevistados professores da rede pública estadual de Lages – SC usou-se um questionário contendo oito (8) questões fechadas e duas (02) abertas acerca do tema, os dados foram tabulados com base em estatística simples (f e %), e receberam embasamento teórico de autores da área. **Resultados:** Todos os docentes entrevistados são da área e possuem de seis a oito anos de magistério, trabalhando diretamente com alunos autistas em classe inclusiva, desses apenas um possui além do curso superior em licenciatura, especialização em educação especial, a maioria afirma que o seu conhecimento específico é insuficiente e que a estrutura das escolas muitas vezes complica o desenvolvimento do trabalho, e afirmam que o aprendizado e os desafios são constantes. **Conclusão:** Conclui-se que embora a falta de embasamento teórico, estrutura e recursos os docentes trabalham visando a inclusão e o desenvolvimento biopsicossocial do aluno autista.

Palavras-chaves: Autismo. Educação Inclusiva. Educação Física.

¹ Acadêmico do curso de educação física, 8ª fase, Tcc II, do Centro Universitário UNIFACVEST.

² Orientador Professor do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

PHYSICAL EDUCATION INCLUSIVE AS TOOL FOR AUTISM

João Maria de Almeida Cunha Junior¹

Francisco José Fornari Sousa²

ABSTRACT

Introduction: The process of inclusion in school involves the formation and qualification of the teacher. Physical education professionals must know their characteristics in order to act consciously and responsibly. **Objective:** To search the methodology used by the physical education teacher for autistic children, in elementary school I. **Methodology:** In order to obtain the results, a descriptive and diagnostic field research was carried out, where a questionnaire containing eight (8) closed questions and two (02) open questions about the subject, The data were tabulated based on simple statistics (f%), and received theoretical background from authors of the area. **Results:** All teachers interviewed are from the area and have six to eight years of teaching, working directly with autistic students in inclusive class, of which only one possesses beyond the undergraduate level, specialization in special education, most states that their Specific knowledge is insufficient and that the structure of schools often complicates the development of work, and affirm that learning and challenges are constant. **Conclusion:** It is concluded that although the lack of theoretical foundation, structure and resources teachers work towards the inclusion and biopsychosocial development of the autistic student.

Words key: Autism. Inclusive education. Physical Education.

¹Academic the course of physical education, 8th stage, II Tcc University Center UNIFACVEST.

²Advisor, Course Professor of Physical Education of the University Center UNIFACVEST.

1. INTRODUÇÃO

O autismo é um Transtorno Global do desenvolvimento (TGD), que afeta a maioria dos indivíduos do sexo masculino, a concepção diagnóstica do autismo teve avanço a partir de 1949 por Léo Kenner apud Stelzer [...]“ele analisou onze crianças com as mesmas características que apresentavam dificuldades em criar vínculos afetivos e de se socializarem” (STELZER 2010, p. 23).

As causas do Autismo ainda são desconhecidas, mas existem muitas teorias e a mais aceita é a multifatorial, onde os principais fatores apontados para a causa do autismo são: genéticos, imunológica, rubéola materna e neurológica encefalites, meningites (MARQUEZZI; RAVAZZI, 2011, p.7)

De acordo com Fonseca e Missel (2014 p.3): “[...] Autismo é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação.”

Sendo assim, para o desenvolvimento integral da criança autista, está deve ser acompanhada pela família, profissionais especializados e professores.

Atualmente muito se tem discutido acerca de da educação inclusiva que abrange um leque de coisas (inclusão digital, inclusão de pessoas com necessidade escolar etc.), está é muito importante para o desenvolvimento básico de pessoas com qualquer tipo de necessidade especial, lhes permitindo experiências de socialização e aprendizado, com base nisso pode-se destacar a educação inclusiva voltada para os autistas, que traz múltiplos benefícios ao aluno, como demonstra Belisario Júnior; Cunha, (2010) apud Maranhão e Sousa (2011 p.7):

Na inclusão escolar a criança com autismo tem a oportunidade de vivenciar a alternância entre aquilo que acontece todos os dias da mesma forma e aquilo que acontece de forma diferente. Essa alternância permite o acúmulo de experiência que irá tornar o ambiente social menos imprevisível.

Desta forma objetivou-se o desenvolvimento deste onde será tratada a educação inclusiva para alunos autistas nas aulas de educação física, discutiremos também a importância do tema para o desenvolvimento da comunicação, expressão corporal e inclusão do mesmo, por meio de pesquisa teórica e a campo, demonstrar-se-á a relevância da atividade física para o desenvolvimento biopsicossocial do discente autista.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O autismo foi observado e descrito pela primeira vez por Leo Kanner, ele analisou

onze crianças com os mesmos fatores característicos que se destacavam em especial pela dificuldade de criar vínculos afetivos, como descreve Kanner (1943) apud Stelzer (2010 p.15) acerca das constatações do autor:

Julgava ser uma condição neurológica única que era aparentemente decorrente da incapacidade de estabelecer vínculos afetivos próximos com outras pessoas e para tolerar modificações menores do ambiente e das rotinas diárias. A característica principal de todas as crianças era uma incapacidade importante de se relacionar com as demais pessoas, iniciando-se nos primeiros anos de vida.

Hoje se sabe que o autismo é uma desordem ocasionada no cérebro que tem como resultados dificuldades na linguagem, o indivíduo age ritualisticamente, e tem dificuldade em relação às habilidades e desenvolvimento de atividades motoras, entre outros, como explica Marqueze e Ravazzi (2011 p.6):

É uma síndrome que apresenta quadros diagnósticos e característicos, comprometendo três importantes domínios para o desenvolvimento humano: comunicação, sociabilização e a imaginação, por isso recebe o nome de tríade. Além do isolamento social, ausência de contato visual, pobreza de expressão verbal, motora e inexistência de empatia, os autistas não compreendem metáforas, eles as interpretam literalmente.

Os transtornos globais do desenvolvimento (TGD) são caracterizados pelo comprometimento grave e global em diversas áreas do desenvolvimento, havendo assim atraso ou desvio do desenvolvimento de habilidades sociais, de linguagem, comunicação e no repertório comportamental. O documento Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008, p.2) nos mostra o público alvo de TGDs e o atendimento de seu aluno:

Os alunos com TGD são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil

Como a Declaração de Salamanca discute as práticas e princípios políticos em educação especial prevê que todo e qualquer aluno com necessidades educacionais especiais deve ter acesso à escola e combater qualquer atitude discriminatória contra o mesmo, MEC (2006, p.35):

Em 1994, a Declaração de Salamanca proclama que as escolas regulares com orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias e que alunos com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, tendo como princípio orientador que “as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras.”

A inclusão escolar é realidade nas salas de aula mundiais, e assim o professor deve saber a relevância de sua área de atuação para que possa explorar de maneira adequada os meios cabíveis de forma a ajudar nesse processo. Sabendo disso é importante salientar a importância da educação física no processo de inclusão, como demonstra acerca do assunto Copetti (2011) apud Venturini et al. (2010, p.3):

A educação vem passando por um momento de transformação onde a inclusão é um dos temas mais relevantes do momento. A Educação Física não fica fora deste processo, pois os profissionais inseridos na área devem estar preparados para receberem todos os alunos independentes das deficiências que possam ser apresentadas pelos alunos.

Sobre os autistas e as características necessárias para que a aula de educação física seja realmente eficaz, demonstra Marquezzi e Ravazzi (2011, p.12):

Uma das características do autista é a preservação da rotina, podendo haver crises de agressividade quando esta é quebrada. Por isso, as aulas de Educação Física, em turmas em que existam autistas, devem ser realizadas sempre no mesmo horário e com duração previamente determinada, possibilitando assim, uma adaptação e costume desse aluno autista. Quando a aula for realizada com objetos, os mesmos devem ser distribuídos de maneira lenta, fazendo com que o autista os reconheça.

Portanto, diante do cenário escolar atual muito se tem abordado o tema inclusão, porém a falta de conhecimento e preparo dos profissionais, bem como a indisponibilidade de materiais e formação para os mesmos, acaba por limitar o trabalho do profissional, pensando na educação física como integradora dos preceitos motores e sociais, ela é indispensável no auxílio do processo de inclusão de alunos especiais, como os autistas.

3. METODOLOGIA

De acordo com Silva (2005) A Metodologia tem como função mostrar a você como andar no “caminho das pedras” da pesquisa, ajudá-lo a refletir e instigar um novo olhar sobre o mundo: um olhar curioso, indagador e criativo.

Pesquisar significa, de forma bem simples, procurar respostas para indagações propostas, Demo (1996, p.34): [...] insere a pesquisa como atividade cotidiana considerando-a como uma atitude, um “questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”.

Foi usado para elaboração deste artigo o tipo de pesquisa qualitativa exploratória, que segundo Gil (1991): [...] “envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão.” Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso.

Para o levantamento dos dados, foi realizado um reconhecimento das escolas que possuem educação inclusiva voltada para os autistas, para tanto buscou-se informações junto a GERED – SC , que indicou as escolas e os professores da área de educação física que trabalham com educação inclusiva no ensino fundamental I e II.

Como instrumento de coleta de dados, será aplicado um questionário contendo 2

(duas) perguntas abertas e 8 (oito) fechadas, totalizando 10 (dez) perguntas. Os dados coletados serão analisados através de estatística básica, e apresentados na forma de tabelas e gráficos. Foram entrevistados ao todo cinco (5) profissionais de escolas distintas que trabalham ao todo com oito (8) crianças portadoras TGD.

3.1 Análise e discussão de dados

Sobre a caracterização dos entrevistados, pode dizer que os 5 participantes, são todos professores da área de educação física que trabalham diretamente com alunos autistas na rede pública estadual, onde possuem de 6 a 10 anos de experiência e atuação no magistério e estão na faixa etária de 32 á 47 anos, e a maioria da amostra é composta por profissionais do sexo feminino.

A Tabela 1 demonstra sobre a formação continuada dos professores de educação física em relação ao âmbito da educação especial onde (n=1, 20%) possui além da graduação curso na área e (n=4, 80%) não possui.

Sobre a especialização de professores em relação à educação inclusiva nos fala Guasseli (2012 p.9):

Existe uma grande preocupação em tornar os professores mais autônomos em relação à inclusão escolar, através de formação continuada, trabalho colaborativo, reflexão sobre a prática pedagógica e estratégias de formação que concretizem a relação entre teoria e prática que se traduz nos contextos de atuação docente.

Da mesma forma completa, Souza e Silva (2005) apud Silva (2009, p.12):

Cada dia se faz mais urgente à qualificação profissional para se trabalhar na perspectiva da inclusão. Esta é uma nova tendência que vem ganhando espaço em diferentes países num processo permanente de debates das questões práticas e teóricas para que os professores sejam capazes de responder às tarefas que decorrem do processo de inclusão, porém especialistas nessa área ainda são poucos, devido a vários fatores como baixa remuneração, desmotivação entre outros.

Tabela 1- formação continuada voltada para educação especial.

| | f | % |
|-------|---|------|
| Sim | 1 | 20% |
| Não | 4 | 80% |
| Total | 5 | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa.

A tabela 2 avalia sobre o conhecimento acerca do transtorno global do desenvolvimento (TGD) autismo, onde (n=2, 40%) dizem ter conhecimento adequado e específico em relação a TGD, enquanto (n=3 60%) responderam negativamente a está

questão.

Tabela 2. Sobre os conhecimentos específicos em relação ao TGD.

| | f | % |
|-------|---|------|
| Sim | 2 | 40% |
| Não | 3 | 60% |
| Total | 5 | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa.

É importante que os professores tenham conhecimento acerca do aluno autista, pois este necessitará de ambiente adequado, de atividades que promovam seu pleno desenvolvimento e o professor precisa estar seguro destes para que a aula seja eficaz, como demonstra Cavalcante, Torres e Alves (2009, p.18):

O profissional que atua com educandos com necessidades especiais por apresentar autismo, fundamentalmente precisa que sejam orientados para uma atuação adequada nos graves distúrbios de comportamento que apresentam esses jovens, o professor, portanto precisa estar preparado e seguro para desempenhar sua função de forma eficiente com responsabilidade e comprometimento. Ao educar uma criança autista pretende-se desenvolver ao máximo suas habilidades e competências, favorecer seu bem estar emocional e seu equilíbrio pessoal o mais harmoniosamente possível tentando aproximá-la de um mundo de relações humanas significativas.

Para que isso seja possível é necessário que o professor tenha conhecimentos específicos em relação ao autismo como demonstra Pimentel e Fernandes (2014, p.3):

A inclusão escolar de crianças com autismo é algo possível, desde que fundamentada no conhecimento, garantindo os recursos necessários e a clareza acerca do papel da escola. Os docentes com formação específica estão mais preparados para a inclusão de alunos com TGD do que aqueles sem essa formação.

A tabela 3 demonstra sobre a suficiência de conteúdos acerca da temática inclusiva durante o curso de educação física onde (n=1, 20%) acreditam não ter recebido nenhuma informação acerca da temática inclusiva relacionada ao autismo e (n=4, 80%) dizem ser insuficientes as informações recebidas durante o curso de educação física referente a essa temática.

Tabela 3. Sobre a suficiência de matérias que abordam o tema inclusão durante a graduação.

| | f | % |
|--------------|---|------|
| Sim | 0 | 0% |
| Não | 1 | 20% |
| Insuficiente | 4 | 80% |
| Total | 5 | 100% |

Fonte: Dados da pesquisa.

Dessa forma fica evidente, que os cursos de graduação em licenciatura, em sua

maioria, não possuem em sua grade curricular matérias que desenvolvam de forma clara acerca desta temática, como descreve Colombo (2009, p. 24) acerca da formação de professores:

A idéia de competência, vinculada à construção e a socialização do conhecimento, desconsidera a realidade na qual o aluno está inserido, assim como das pessoas que estão á sua volta (pais e professores). Dessa forma resumi-se a formação do aluno, numa série de recomendações (receituário) a ser seguido. Sendo assim, torna-se viável e mais barato o treinamento de professores para esse receituário, não precisando investir em cursos que proporcione a esses professores a articulação do ensino com a análise e pesquisa da realidade.

Em relação ao tema inclusão referindo-se a área de educação física e a insuficiência de conteúdos curriculares durante a graduação Gilon e Cardoso (2014, p.2) ressaltam que:

A área de conhecimentos técnico-pedagógicas predominantes do contexto escolar, onde os esportes se sobressaem nas aulas de educação física, não há uma disciplina que se proponha a debater sobre a educação inclusiva. Como tratar o tema esporte em turmas que tem aluno deficiente, se no processo de formação docente não houve orientação de como trabalhar com a educação inclusiva dentro dos esportes. Dessa forma, fato de colocá-lo na escola é diferente de incluí-lo no processo educacional.

A tabela 4 explana sobre a existência de alunos com autismo em seu ambiente de trabalho, (n=4, 80%) relatam que possuem alunos com TGD, e (n=1, 20%) relata que no momento o aluno autista que frequentava a classe, pois fora transferido para outra escola de classe regular.

Tabela 4. Sobre a existência de alunos autistas em sala de aula

| | f | % |
|-------|---|------|
| Sim | 4 | 80% |
| Não | 1 | 20% |
| Total | 5 | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa.

Segundo dados estatísticos dispostos em Brasil/MEC (2015 p.1): [...] “dados do Censo Escolar indicam crescimento expressivo em relação às matrículas de alunos com deficiência na educação básica regular. Estatísticas indicam que no ano de 2014, 698.768 estudantes especiais estavam matriculados em classes comuns.”

Dessa forma pode-se afirmar que é cada vez maior o número de alunos com algum tipo de deficiência frequentando classes regulares, dessa forma é imprescindível que o professor esteja preparado para atender as necessidades desse indivíduo.

Porém o número de alunos com autismo matriculado em escola regular ou especial ainda é muito inferior ao esperado, sendo que há mais casos registrados de crianças portadoras de TGD, do que Down, por exemplo, nesse caso Gomes e Mendes (2010, p.3) completam:

Os dados do censo escolar do MEC/INEP de 2007 indicaram que o número de

matrículas de alunos com autismo em escolas (especiais ou regulares) representa 1,5% de toda a população de estudantes com necessidades educacionais especiais matriculados em escolas no Brasil, enquanto que a porcentagem de alunos com Síndrome de Down é de 5,4% .

A tabela 5 demonstra as maiores dificuldades apontadas pelos profissionais da educação física em relação a inclusão, no caso (n=1, 20%) consideram a falta de experiência um dos fatores mais prejudiciais nesse âmbito, enquanto (n=4, 80%) consideram todos os itens relacionados nas questões como fatores que dificultam a prática docente inclusiva em educação física.

Tabela 5. Sobre as dificuldades do professor de educação física em relação à inclusão.

| | f | % |
|--------------------------------------|---|------|
| Falta de experiência | 1 | 20% |
| Dificuldade no planejamento de aulas | 0 | 0% |
| Pouca literatura acerca do assunto | 0 | 0% |
| Falta de recursos | 0 | 0% |
| Todos os itens | 4 | 80% |
| Total | 5 | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa.

De acordo com Salvador (2014, p.5):

Os professores apontam como principais dificuldades em incluir o aluno deficiente nas aulas, o espaço físico inadequado, na qual não é acessível para todos, o fato de conseguir entender os alunos ou fazer com que eles entendam certas atividades, o processo de avaliação da aprendizagem e a falta de materiais didáticos, e por muitas vezes a inexistência do segundo professor nas aulas de Educação Física, ou o segundo professor não ser específico para cada deficiência.

Destaca-se também que embora as dificuldades enfrentadas pelos professores tendem a adaptar-se e criar meios para uma aula efetiva e inclusiva, como demonstra Conceição, Vassoler e Coelho (2014, p.15): “[...] esses tem grande dificuldades em suas salas de aula, mas buscam adaptar suas práticas para que o aluno não seja excluído, fazendo com que os demais da turma entendam também o processo ao qual esta inserido a escola regular.”

A tabela 6 evidencia a opinião dos profissionais de educação física em relação as melhores práticas para o desenvolvimento da criança autista, nesse caso (n=1, 20%) expressa a opinião de que jogos são práticas importantes nesse quesito, também (n=2, 40%) acreditam que as atividades físicas e a dança são métodos mais eficazes nesse âmbito e (n= 2, 40%) responderam que todos os métodos citados são eficientes, porém podem ser usados outros recursos como brincadeiras lúdicas.

Sobre os meios utilizados para possibilitar a inclusão na educação física Copetti (2012, p.24) fala:

A Educação Física Escolar deve propiciar o desenvolvimento global de seus alunos, identificar as necessidades e capacidades de cada educando quanto às suas possibilidades de ação e adaptações para o movimento, bem como facilitar sua independência e autonomia, facilitando o processo de inclusão e aceitação em seu grupo social, para isso atividades tais como jogos, brincadeiras, e atividades físicas podem ser explorada amplamente.

Sobre o mesmo assunto complementa ainda Ziviani (2015, p.3): “[...] a criança autista deve ter acesso irrestrito às práticas esportivas e de lazer, nas quais consiga desenvolver sua motricidade e coordenação motora de maneira adequada. Além disso, as práticas esportivas são um bom caminho para ter acesso à socialização.”

Tabela 6. Sobre as atividades físicas que propiciam o desenvolvimento da criança autista.

| | f | % |
|------------------|---|------|
| Jogos | 1 | 20% |
| atividade física | 1 | 20% |
| Dança | 1 | 20% |
| Outros | 2 | 40% |
| Total | 5 | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa.

A tabela 7 demonstra sobre a estrutura e o oferecimento de materiais pela escola para o desenvolvimento das aulas, neste caso (n= 1, 20%) diz que há sim materiais e recursos oferecidos pela escola para a construção das aulas, (n=3, 60%) relatam que a escola não dispõe de infraestrutura e recursos adequados nesse quesito, já (n=1, 20%) consideram insuficiente a infraestrutura e os materiais fornecidos pela instituição.

Tabela 7. recursos e infraestrutura e materiais oferecidos pela escola

| | f | % |
|--------------|---|------|
| Sim | 1 | 20% |
| Não | 3 | 60% |
| Insuficiente | 1 | 20% |
| Total | 5 | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa.

De acordo com Santana (2014 p.2): “[...] Falta muito para a escola brasileira ser considerada inclusiva. Do ponto de vista da infraestrutura, temos que construir espaços escolares adequados que possam receber todas as crianças.”

Sobre a estrutura e oferecimento de materiais completa Oliveira (2011) apud Silva e Junior (2015 p.6) “a estrutura física da escola não é um fator importante apenas para a educação física, e estudos apontam a diferença de rendimento escolar de alunos correlacionando com a estrutura da escola e o oferecimento de materiais adequados”.

A tabela 8, mostra sobre o quanto o professor se sente preparado para desenvolver técnicas inclusivas para os alunos especiais, especialmente os autistas, a unanimidade em (n=5, 100%) mostra que os professores de educação física entrevistados, sentem-se parcialmente preparados, embora trabalhem diariamente com alunos portadores de TGD.

De acordo com Marchesi (2004 p.44) [...] “criar escolas inclusivas requer muito mais que boas intenções, declarações e documentos oficiais, requer que a sociedade, escolas e professores tomem consciência das tensões e organizem condições para criação de escolas inclusivas de qualidade”.

Os professores não se sentem totalmente preparados para o exercício da inclusão o que por um lado é positivo, pois vive em constante busca por novos aprendizados e trocas de experiências como complementa Garces e Tatsch (2013, p.6):

Fica evidente o quanto é importante o conhecimento do professor, já que a prática de atividade física contempla aspectos importantes para o desenvolvimento dos alunos como os aspectos motores, cognitivos, afetivos e atitudinais. A formação de um professor não se completa com a sua formação inicial, mas precisa ser continuada ao longo de sua carreira profissional.

Tabela 8. Preparação do professor para desenvolvimento de aulas que promovam a inclusão.

| | f | % |
|--------------|---|------|
| Sim | 0 | 0% |
| Não | 0 | 0% |
| Parcialmente | 5 | 100% |
| Total | 5 | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa.

As questões 9 e 10, eram abertas de forma que os educadores poderiam dar suas opiniões livremente, na primeira em relação as técnicas utilizadas para que seja eficaz a inclusão de alunos autistas em sala de aula, e na segunda a opinião sobre o que pode ser feito para que haja melhora no campo da inclusão especialmente no que tange a área da educação física.

Em relação à questão 9, a maioria dos entrevistados concorda em relação ao uso de atividades grupais que envolvam cooperatividade (n=3, 60%), porém (n=1, 20%) acredita pode definir técnicas eficazes a partir do estudo sobre o grau de autismo que o aluno possui, e

ainda (n=1, 20%) respondeu que não sabe.

Tabela 9. Técnicas utilizadas para que seja eficaz a inclusão de alunos autistas

| | f | % |
|---------------------|---|-----|
| Jogos de cooperação | 3 | 60 |
| Avaliação do aluno | 1 | 20 |
| Não Sabe | 1 | 20 |
| Total | 5 | 100 |

Fonte: Dados da Pesquisa.

Na questão 10, (n=3, 60%) concorda que a capacitação, ou seja, maior estudo e conhecimento acerca do assunto ajudariam melhorar a forma de planejar e assim o professor de educação física conseguiria abordar as atividades mais eficazes dentro da área, e também (n=2, 40%) defende o uso de atividades específicas que possam ajudar no desenvolvimento da motricidade e socialização do aluno com TGD.

Tabela 10. O que pode ser feito para que haja melhora no campo da inclusão especialmente no que tange a área da educação física.

| | f | % |
|-------------------------------|---|------|
| Capacitação | 3 | 60% |
| Uso de atividades específicas | 2 | 40% |
| Total | 5 | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa.

É claramente relevante salientar, que aplicar práticas específicas em relação à educação de alunos com autismo e estar em constante aprendizado faz parte da busca incessante dos professores para que haja inclusão e para que se promova desenvolvimento global dos alunos com necessidades especiais. (Silva e Junior, 2015 p.6).

Martins (2012, p.3) se refere as dificuldades e diz que :

Apesar do discurso politicamente correto de que devemos incluir sempre, sem distinção, esbarramos na nossa indisponibilidade individual e interior, na limitada competência técnica, no conhecimento teórico insuficiente para lidar com essa realidade, além das dificuldades inerentes à condição de autista, principalmente no tocante às questões comportamentais, que dificultam o estabelecimento de vínculo e qualquer tipo de aprendizagem.

De acordo ainda com Martins (2012, p.5): “[...] para que haja uma melhora no campo inclusivo embora todas as dificuldades o professor precisa conhecer o máximo possível acerca da inclusão escolar e da diversidade de alunos que se encontram em sua(s) turma(s). Portanto é imprescindível que leia se informe, estude, busque formação continuada tanto presencial como à distância.”

Para que posteriormente se desenvolva técnicas que possibilitem a interação do aluno com o meio onde está inserido.

4. CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo principal demonstrar a educação física como ferramenta na inclusão de alunos autistas e verificar o preparo e as dificuldades que os professores atuantes nessa área tem para que isso seja possível.

Nesse sentido pode-se observar que a maioria dos entrevistados não possui curso de extensão específico na área de inclusão e que mesmo aqueles que possuem sentem dificuldades na aplicabilidade de aulas abrangentes e inclusivas.

Consideram de grande importância uma reavaliação do currículo de disciplinas ofertadas durante a graduação, seria interessante ter o contato desde cedo com objetos que possibilitassem a integração de alunos autistas ou de qualquer outro tipo de deficiência nas aulas, uma vez que são preparados a encarar salas homogêneas o que não ocorre na realidade escolar.

A amostra mostrou-se preocupada também com a falta de recursos e infraestrutura das escolas, e que embora dediquem muito empenho para o planejamento e execuções de atividades muitas vezes esbarram nesse quesito com empecilho. Acreditam que as atividades físicas são de suma importância para o desenvolvimento biopsicossocial do aluno com TGD.

Para que haja melhora no campo da inclusão na educação física é importante que o professor esteja aberto a novos aprendizados, e que busque constantemente a formação.

Como resultados dessa pesquisa pode-se observar que os docentes entrevistados são da área (educação física) e possuem de seis a oito anos de magistério, trabalhando diretamente com alunos autistas em classe inclusiva, desses apenas um possui além do curso superior em licenciatura, especialização em educação especial, a maioria afirma que o seu conhecimento específico é insuficiente e que a estrutura das escolas muitas vezes complica o desenvolvimento do trabalho, e afirmam que o aprendizado e os desafios são constantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Educação infantil - saberes e práticas para educação inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000090&pid=S0104-4060200900010001000007&lng=en>acesso em 22/10/2016

CAVALCANTE, Mirta Mara de Souza. TORRES; Adilma Portela da Fonseca. ALVES; Neide Ferreira. **A formação de professores e a educação de autistas em escolas da rede pública da zona centro-sul da cidade de Manaus.** Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2009/022.pdf>> Acesso em 15/11/2016

CONCEIÇÃO, da Santos Julierme. VASSOLER; Bruna Coelho; COELHO; Jéssica Serafin. **A Prática pedagógica de professores de Educação Física Frente à Inclusão escolar.** Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/viewFile/16504/9992>> Acesso em 10/11/2016

COLOMBO, Bruno Dandolini. **Formação Inicial em Educação Física e Atuação na Escola: A Hora da Verdade.** 2009. 70 p. TCC (Graduado em Licenciatura em Educação Física). Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma. Disponível em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3298_1675.pdf> Acesso em 29/10/2016

COPETTI, Joceli Rosane. **A Educação Física Escolar E O Autismo: Um Relato De Experiência No Instituto Municipal De Ensino Assis Brasil (Imeab) No Município De Ijuí (Rs).** Disponível em <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1273/jocielitcc.pdf?sequence=1>> Acesso em 15/10/2016

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

FONSECA; Simone Alexandre. MISSEL; Aline. **Autismo: Auxílio Ao Desenvolvimento Antecipadamente.** Disponível em <<http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/revposgraduacao>> Acesso em 21/10/2016

GARCES, Solange Beatriz Billig. TATSCH; Tatiane. **A preparação dos professores de Educação Física das escolas municipais de Cruz Alta para o processo de inclusão de alunos com necessidades especiais.** Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd185/inclusao-de-alunos-com%20necessidades-especiais.htm>> Acesso em 29/10/2016

GUASSELLI, Maristela Ferrari Ruy. **Formação De Professores Para Educação Especial: Fronteiras Entre A Produção Do Ensino/Pesquisa E A Prática Na Educação Básica.** Disponível em <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Comunicacao_e_Tecnologias/Trabalho/06_07_24_261-7231-1-PB.pdf> Acesso em 03/11/2016

GIL, A.C. **Métodos E Técnicas De Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 2002.

GILON, Felipe Serafin; CARDOSO, Ana Lúcia. **Um olhar sobre a formação em educação inclusiva na matriz curricular do curso de Licenciatura em Educação Física.** Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd194/educacao-inclusiva-na-matriz-curricular-em-educacao-fisica.htm>> Acesso em 18/11/2016

GOMES, Camila Graciella Santos; MENDES, Enicéia Gonçalves. **Escolarização inclusiva de alunos com autismo na rede municipal de ensino de Belo Horizonte.** Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382010000300005>
Acesso em 29/10/2016

MARQUEZZI, Larissa; RAVAZZI, Lilian. **Inclusão de Autistas nas Aulas de Educação Física.** Disponível em <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011/TRANSTORNO/182-2011.pdf>> Acesso em 15/10/2016

MARANHÃO, Brenda Salenna da Silva; SOUSA, Moises Simão Santa Rosa de. **Educação Física, Transtorno Do Espectro Autístico (Tea) E Inclusão Escolar: Revisão Bibliográfica.** Disponível em <http://paginas.uepa.br/ccbs/edfisica/files/2012.2/BRENDA_MARANHO.pdf> Acesso em 28/10/2016

MARTINS, Mara Rubia Rodrigues. **Inclusão Escolar de Alunos Autistas: Eis a Questão!.** Disponível em <<http://www.profala.com/artautismo20.htm>> Acesso em 22/10/2016

MEC. Ministério da educação e Cultura. **Recomendações para Construção de escolas inclusivas.** Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/const_escolasinclusivas.pdf> acesso em 19/11/2016

MARCHESI, Álvaro. **Da linguagem da deficiência às escolas inclusivas.** In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús; (Orgs.). Desenvolvimento psicológico e educação. Trad. Fátima Murad, Porto Alegre : Artmed, 2004.

PIMENTEL, Ana Gabriela Lopes. FERNANDES; Fernanda Dreux Miranda. **A Perspectiva De Professores Quanto Ao Trabalho Com Crianças Com Autismo.** Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/acr/v19n2/2317-6431-acr-19-2-0171.pdf>> Aceso em 12/11/2016

STELZER, Fernando Gustavo. **Uma Pequena História Sobre o Autismo.** Disponível em <<http://www.pandorgaautismo.org/includes/downloads/publicacoes/Pandorga-Caderno1.pdf>> Acesso.

SALVADOR, Beatriz Spricigo. **A inclusão escolar nas aulas de Educação Física: dificuldades dos professores.** Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd202/a-inclusao-escolar-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm>> Acesso em 29/10/2016

SANTANA, Wagner. **Formação docente, infraestrutura e materiais adequados são desafios para inclusão.** Disponível em <<http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/31141/formacao-docente-infraestrutura-e-materiais-adequados-sao-desafios-para-inclusao/>> Acesso em 15/10/2016

SILVA, Jéssica Luciana. JÚNIOR; Roosevelt Leão. **Infraestrutura Para Educação Física Na Rede Escolar Estadual De Goiatuba – Go: Uma Descrição Sobre A Realidade Escolar.** Disponível em <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2015a/infraestrutura.pdf>> Acesso em 10/11/2016

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia Da Pesquisa E Elaboração De Dissertação/Edna Lúcia Da Silva, Estera Muszkat Menezes.** – 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005

STELZER, Fernando Gustavo. **Uma Pequena História do Autismo**. Disponível em <<http://www.pandorgaautismo.org/includes/downloads/publicacoes/Pandorga-Caderno1.pdf>> Acesso em 03/11/16

VENTURINI et al. **A importância da inclusão nas aulas de Educação Física escolar**. Disponível <<http://www.efdeportes.com/efd147/inclusao-nas-aulas-de-educacao-fisica-escolar.htm>> Acesso 10/11/2016

ZIVIANI, Simone. **Os 10 Mandamentos Para O Bom Desenvolvimento Da Criança Com Autismo**. Disponível em <<https://malucasporpedagogia.wordpress.com/2015/06/11/36/>> Acesso em 18/11/2016